

Espanha franquista: contra a arte

Edson Passetti*

Agustín Pinón

Miedo, olvido y fantasía (Edición de Marta Osório)
Granada, Editorial Comares, 2009, 781 pp.

A morte do poeta Federico García Lorca por falangistas, militares, burgueses, camponeses omissos, intelectuais embriagados de vazios, mulheres fechadas em suas casas, católicos mofados e uma legião de defensores do retrocesso, nada mais foi que a execução de um inventor de liberdades. São muitos os estudos sobre a obra lírica e metafórica do poeta que atravessa o teatro, a paixão pela vida, as transgressões que não se alojam em um lugar seguro. Lorca sabia que seria pego pela direita e anteviu na própria pele a cólera da tirania. Fugiu de Madri para Granada, imaginando que ali poderia obter refúgio com aqueles que admiravam sua inventividade e presença. Foi acolhido na casa dos Rosales, famosos falangistas influentes, e lá mesmo foi entregue às forças da ordem para dois dias depois ser assassinado, em agosto de 1936. Ingênuo, sem dúvida. Recolheu-se em Granada, na casa do poeta Luis Morales, atendendo o pedido do pai para estar presente na data de seu aniversário. Todos os nomes de destaque da Espanha sabiam disso. E esta foi, em vão, sua suposta segurança. Atribui-se a Ramón Ruiz Alonso a autoria de sua prisão e execução. Os demais se escudaram em silêncios e versões. Granada, depois de sua morte, assemelhou-se ao povoado descrito por Jorge Luis Borges e filmado por Bernardo Bertolucci como *A estratégia da aranha*. Foi assim que Agustín Pinón encontra, entra, sai, descreve e não retorna à Granada que matou o poeta Federico García Lorca.

* Professor no Departamento de Política e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) e co-edita a revista autogestionária semestral *Verve*.
E-mail: passetti@matrix.com.br

Penón era filho de exilados de Barcelona em Nova York desde os primeiros dias da Guerra Civil. Admirador da obra de Federico García Lorca, dispõe-se ir a Granada, entre 1955 e 1956, e revolver os últimos momentos da vida do poeta. Chega manso, aproxima-se dos falangistas e começa recolher informações sobre o poeta, seus escritos, atitudes, desacertos... Propõe-se a uma leitura objetiva dos acontecimentos, escorado numa certa neutralidade liberal democrática. Todavia, foram seus amigos em Madri, antes da partida imediata de volta a Nova York, pressionado pelas ameaças sussurradas pelo franquismo, que lhe repetirão como fora ingênuo ao acreditar na objetividade liberal e na ilusão que a democracia estadunidense, defensora dos povos oprimidos, democratizaria o governo de Franco; o mais provável, para seus amigos espanhóis, seria Franco influenciar a democracia estadunidense, pois ambos se pareciam e aliavam: não abriam mão de suspeitar dos comunistas, como maneira de manter a ordem. Seus amigos lembravam-lhe, de certa maneira, das defesas do fascismo contra quaisquer coletivismos, empreendidas pelos liberais no final da II Guerra Mundial, preferindo o mal menor, o fascismo próprio do capitalismo. O fascismo começa na defesa intransigente de uma tradição enraizada a ser conservada por meio de ações violentas ínfimas até uma militar defesa da segurança dirigida por um condutor que encarna o *verdadeiro pastor do povo*. Anos mais tarde, de maneira ousada, Philip Roth deteve-se meticulosamente sobre o fascismo latente dos estadunidenses em seu romance *Complô contra a América* (2004).

Augustín Penón foi a Granada e realizou uma fundamental pesquisa histórica a respeito da morte de Lorca, ouvindo, pacientemente, os falangistas e franquistas, confrontando versões, e deixando ao leitor um vasto material para análise. Pesquisas corajosas, como esta, são fundamentais na luta contra tiranias e por potencializar liberdades. O autor viu-se apanhado num labirinto silencioso e sombrio dentro do qual se abriu, às vezes, involuntariamente, as caixas e baús hermeticamente fechados. Sua maneira simples de dispor-se a ouvir testemunhos, propiciou aos emudecidos homens e mulheres de Granada recordar, revirar suas memórias, e não dormir em paz. Penón não buscou com sua pesquisa armar um inquérito voltado à punição dos culpados. Para que prender Granada enjaulada no pacto macabro de silêncio sobre a execução de Lorca? Importa-lhe dar os nomes daqueles que silenciaram, vivem *bem* e prosperam como devotos da virgem, do dinheiro e do governo fascista. Ele

não exige tribunais; prefere enunciar verdades insuportáveis. A leitura da pesquisa de Penón, remete-nos, hoje em dia, à reação conservadora ao Programa Nacional de Direitos Humanos III (2009) do governo brasileiro, que por meio de uma *comissão da verdade*, procura encontrar presos políticos desaparecidos e nomear os torturadores e mandantes. Os nossos defensores da ordem, compostos por liberais, conservadores e muitos esquerdistas, não querem tocar na fenda provocada por militares e burgueses. Preferem o silêncio borgeano em defesa das instituições e da maioria silenciosa. Pretendem interceptar o que há de mais vivo na democracia, não a institucionalidade e as negociações para pacificar conflitos, mas sua capacidade de ultrapassar limiares.

Nas interceptações e derivas da pesquisa de Penón, segundo Marta Osório, que a editou para o Editorial Comares, vários fatores impediram, anteriormente, a publicação do livro: os desencontros entre o autor e um agente estadunidense em Nova York, sua morte prematura em 1976, o ir e vir das anotações nas mãos do historiador Ian Gibson que delas fez uso em sua pesquisa sobre Lorca e que se prontificou, inicialmente, a publicá-la em livro, mas que pelos caminhos da vaidade acadêmica o fez com cortes, reduzida e adequada a confirmar suas próprias teses. Enfim, o pacote com os escritos, fotos, originais e inéditos de Lorca, chegaram a Marta Osório diante da morte anunciada de William Layton, o herdeiro dos escritos. Esta mulher que ainda jovem conhecera Penón em Granada, cuidadosamente edita os manuscritos em capítulos ilustrados com fotos e reproduções de documentos, escreve uma breve introdução biográfica do autor, relata a fuga de sua família liberal para os Estados Unidos e acerta as contas com o historiador Ian Gibson. O livro editado por essa criteriosa editora fala-nos cada vez mais de um mundo aterrador que não desapareceu e ao mesmo tempo da presença de Federico García Lorca cada vez mais visível, liberadora, inventiva, sob a poeira aspirada destas páginas cuidadosamente escritas por Agustín Penón.

De Federico García Lorca sabemos muito desde Jorge Gillén, quando disse que diante de Lorca, não havia nada a nos distrair, *havia Lorca*. A sua personalidade iridescente, seu teatro popular com *La Barraca*, seu compromisso com a recuperação do *canto jondo*, a paixão cigana, os amores encerrados em lutos, mulheres submissas e autoritárias, crianças cheias de vitalidades, a arte como uma política apartidária e seus jornais de vanguarda, sempre libertários. Este é o Lorca que aparece e toma a

palavra das testemunhas na pesquisa de Penón. Um Lorca que poderia ter escapado da morte, temporariamente, caso aceitasse o convite para visitar o México, mas que não o fez, para retribuir as generosidades intermináveis de seu pai para consigo, um homem que se inventou para desfazer dinheiro. Um Lorca amedrontado pela prisão e intimado a prestar um depoimento, sabendo que essa era uma prisão legal e ao mesmo tempo o anúncio de seu extermínio. O Lorca executado por Ramón Ruiz Alonso sob oliveiras, diante do silêncio e do desvio de rosto dos Morales e de Granada, um cadáver desaparecido. Lorca cuja obra completa, enfim, é encontrada por Penón, nas prateleiras da oficina gráfica de seu executor, na Calle Muñoz Torrero, 6, em Madri, em 1956. Sentado diante de Alonso, apartados por uma escrivaninha onde repousava uma foto da família protegida por uma imagem da virgem recortada e colada sobre o porta-retratos, ouve o relato do executor como o burocrático cumprimento de ordens de prisão acompanhado de sua recusa em informar sobre o assassinato do artista. Ardiloso, Alonso jura como católico fervoroso não revelar o(s) nome(s); não pronuncia o seu e nem os dos mandantes; prefere designar a todos envolvidos e incógnitos como *El*. O catolicismo foi na Espanha o lugar seguro dos adoradores da ordem, do sofrimento e da piedade. *El* é também o título do paranóico filme de Luis Buñuel, realizado em 1953, em que um homem atormentado por imagens de supostos amantes de sua mulher, após um colapso nervoso, interna-se em um mosteiro. Deparamo-nos, irremediavelmente, com o segredo dos mandantes de morte. Em *Estrela distante* (1996), do escritor chileno Roberto Bolaño ficamos diante um policial de destaque da polícia do governo socialista de Salvador Allende, procurando um poeta vanguardista de direita, que se alinhara aos militares da ditadura. Sua missão: executá-lo. Recorre a outro poeta exilado na Espanha, único remanescente do antigo grupo de jovens poetas mortos pela ditadura de Pinochet e capaz de identificá-lo. O policial oferece dinheiro ao poeta que se encontra em estado deplorável de existência. Ele aceita e identifica o poeta vanguardista torturador localizado pelo policial que o executa a sangue frio. O poeta exilado, mais uma vez, pergunta ao policial quem financiou esta execução e este responde não estar autorizado a pronunciar o seu nome. Novo silêncio se instaura. De ambos os lados, da Granada silente à revanche dos governistas depostos no Chile, estamos diante do assassinato de poetas em nome da política, de poetas vinculados à política pelo partidarismo ou não, pelo ativismo

e pela reação, apanhados pela pesquisa histórica e pela literatura. De ambos os lados dos regimes, convergem a mesma prática de execução que poupa os nomes dos mandantes e refaz a mesma conduta policial.

Andar com Penón é atravessar no calor escaldante do dia e nas noites soturnas as ladeiras de Granada, adentrar as tabernas ocupadas por homens amorfos, embebedados de vinho, catolicismo e *Franco*, sentar no *carmen* de Manuel de Falla, de poetas e pintores, caminhar com o povo do campo, e deparar-se com Emilia Llanos, *el guapo*, como a chamava Lorca, para cuja casa burguesa ele deveria seguir depois da breve temporada na casa do poeta Luis Morales. É andar sobressaltado pela ameaça fascista em Granada, assistir os dilemas de um pesquisador liberal, acompanhar a trama de um hitchcockiano suspense e se manter propício a abrir vãos nas prateleiras para ler e reler Federico García Lorca; para ouvir Nina de Los Peines, a grande cantora defensora do *canto jondo* junto com Lorca e o Manuel de Falla; constatar as importantes aproximações de Lorca com tradicionalistas, como o compositor católico, em função da permanência de uma expressão cultural que o fascismo pretendia exterminar; apreciar a tauromaquia equidistante dos politicamente corretos, e muito próximo de Lorca e Picasso; ouvir falar de Dali jovem; e até mesmo não encontrar no livro de Augustín Penón uma só vez a palavra anarquismo ou anarquia, mas vê-la viva e vivenciada em Lorca.

Ler *Medo, olvido y fantasia* é estar atento à pesquisa histórica sobre a Guerra Civil Espanhola, como a face complementar de *O curto verão da anarquia* (1972) de Hans Magnus Enzensberger e a autobiografia de Luis Andrés Edo, *La CNT en la encrucijada* (2006). Mais do que isso, importa realçar a acuidade da pesquisa que cede a palavra aos testemunhos, levando-nos a encontrar mais história do que aquela contida nas interpretações dos historiadores. Coloca-nos diante da arte arruinando a política, o partidarismo e desmoronando silêncios e fascismos pelo efeito da morte do próprio poeta. Remete-nos, mais uma vez, a questionar Platão e certa herança filosófica que condena a arte por ser *prejudicial* à república. O filósofo a queria censurada; hoje, seus fiéis discípulos, por vezes dissimulados, outras escancaradamente, defendem a censura em nome do *bem do povo*. Diante disso tudo, basta lembrar Diógenes de Sínope, contra o platonismo e suas derivações, por meio de um fragmento pré-socrático anônimo: “*Recebe-me, barqueiro dos mortos, a mim, o cão Diógenes, que pôs a nu a vã sobrançeria da vida*”.